UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: TEORIAS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

ZAÍRA DE AQUINO CAROLINO

# INGRESSO E PERMANÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA: DESEJO OU CONVENIÊNCIA?

CAJAZEIRAS
2013

ZAÍRA DE AQUINO CAROLINO

# INGRESSO E PERMANÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA: DESEJO OU CONVENIÊNCIA?

Monografia apresentada ao curso de pós-graduação *lato sensu*, como exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Teorias e Práticas Educativas, sob a orientação da Profª. Drª. Elzanir dos Santos.

CAJAZEIRAS - PB
2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

C292i Carolino, Zaíra de Aquino
Ingresso e Permanência no Curso de Pedagogia: desejo ou conveniência? /Zaíra de Aquino Carolino, Cajazeiras, 2013.
54f.

Orientadora: Elzanir dos Santos
Monografia (Especialização) – UFCG/CFP

1. Pedagogia. 2. Ingresso curso de Pedagogia. 3. Permanência. I. Santos, Elzanir dos. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU- 37-013




Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**ZAÍRA DE AQUINO CAROLINO**

# INGRESSO E PERMANÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA: DESEJO OU CONVENIÊNCIA?

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Elzanir dos Santos (Orientadora)

Profº. Drº. Dorgival Gonçalves Fernandes

Profª. Drª. Risomar Alves dos Santos

Profª. Ms. Valéria Maria de Lima Borba

**Cajazeiras – PB**
**2013**

Dedico aos meus pais Zilmaú Carolino de Souza e Maria de Aquino Carolino, grandes amores, que pelo fato de existirem confortam meus anseios e angústias, embalando meus sonhos de fé e esperança, e a todos os meus professores, desde a Educação Básica ao Ensino Superior.

# AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e aos meus anjos, Nossa Senhora de Aparecida e São Francisco, que sempre me protegem e auxiliam em minha caminhada;

À toda minha família, pelo incentivo, confiança, amor e dedicação. Em especial a painho e mainha (Zilmaú e Maria), meus irmãos Zairton, Zaerson, Zailene e Zilmara, e o meu sobrinho Nícolas Rian;

À professora e amiga Drª. Elzanir dos Santos, pelo acompanhamento, orientação, incentivo e paciência na condução dessa pesquisa e de outros trabalhos;

Aos professores e amigos Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes e Drª. Lilian Galvão por me ensinarem com sabedoria a buscar o caminho do conhecimento e o incentivo na participação de Projetos de Pesquisa e Monitoria;

Aos professores do programa de Pós Graduação em Teorias e Práticas Educativas da Universidade Federal de Campina Grande, pelas valiosas críticas e sugestões, demonstrando que grandes profissionais podem ser formados apenas com o incentivo do conjunto formador;

Aos meus cunhados Silvânia e Lucivaldo, pelo apoio e incentivo;

A todos os alunos do Curso de Pedagogia que, com paciência participaram das entrevistas que geraram os dados dessa pesquisa;

À coordenação do Curso de Pedagogia pelo fornecimento de dados essenciais para está pesquisa;

Aos professores do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela amizade, incentivo e orientação;

Aos professores da banca pela disponibilidade, considerações e sugestões valiosas;

Aos meus amigos de convívio estudantil e pessoal, em especial Lucineia Santos;

Ao Professor Isaías Ehrich pela revisão do texto final e correções;

Enfim, a todos que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização deste sonho, pois foram inúmeras pessoas. A vocês agradeço de coração.

***A palavra escrita é como um bando de pássaros selvagens que a tinta aprisiona ao papel para que a luz dos olhos lhes possa libertar e fazer voar. (Rubem Alves, 1992).***

# RESUMO

A presente pesquisa tem como foco os processos de formação dos alunos do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras-PB, quanto ao acesso e permanência no curso. Partindo de uma pesquisa qualitativa e de campo, com aproximações ao estudo de caso, foram realizadas doze entrevistas semiestruturadas com alunos do Curso de Pedagogia, sendo seis do período diurno e seis do período noturno, distribuídos entre os períodos inicial, intermediário e final. Tendo como objetivo analisar as motivações para o ingresso e permanência no Curso de Pedagogia e a importância desse curso para a vida dos estudantes. Os objetivos específicos foram: identificar o perfil sócio econômico dos alunos do Curso de Pedagogia e sua influência na escolha da profissão; mapear os motivos para a escolha do curso e sua permanência e o sentido que esses alunos atribuem à profissão de Pedagogo. Alguns teóricos embasaram este estudo, dentre eles Libâneo (1998; 2008), Pimenta (2002), Nóvoa (2000; 1995; 2002), alguns documentos oficiais, tais como: Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia CFP/UFCG (2009), as Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia (2009) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). A análise dos dados permitiu verificar que os alunos consideram-se de classe baixa e essa condição influenciou, em parte, na escolha do curso. Para cinco entre os doze entrevistados essa influência na escolha e permanência no Curso de Pedagogia é justificada por ser um curso mais barato e fácil de conseguir emprego. Mas, para os outros sete entrevistados, a razão para escolha e a permanência está associada à identificação com a área de educação. Observou-se ainda que, apesar dos entrevistados reconhecerem a precariedade e desvalorização da profissão, a maioria afirma que está no curso por opção e deseja dar continuidade à formação nesta área. Quanto ao sentido que os alunos atribuem à profissão de Pedagogo, a maioria, de acordo com as entrevistas, associa a Pedagogia à docência, o que demonstra desconhecimento por parte destes estudantes, em termos da abrangência das ocupações do pedagogo. Este aspecto deve ser tema dos debates sobre a formação deste profissional no curso oferecido pelo CFP/Campus Cajazeiras.



**Palavras-chave:** Pedagogia. Ingresso. Permanência.

## ABSTRACT

The present research focuses on the processes of training of students of Pedagogy of Teacher Training Center, Federal University of Campina Grande, PB - campus Cajazeiras regarding the access and stay the course. From a qualitative research and field, with approximations to the case study, there were dose semi-structured interviews with students of Pedagogy, six daytime and six nighttime spread between the initial, intermediate and final. Aiming to analyze the motivations to enter and remain in the School of Education and the importance of this course to students' lives. The specific objectives were to identify the socio-economic profile of students of Pedagogy and its influence on career choice; map the reasons for choosing the course and its permanency and the sense that these students attach to the profession of pedagogue. Some theorists embasaram this study, including Libâneo (1998, 2008), Pimenta (2002), Nóvoa (2000, 1995, 2002), some official documents, such as: Political Pedagogical Project of the Education Course CFP / UFCG (2009), Curriculum Guidelines of the School of Education (2009) and the Law of Guidelines and Bases of National Education (1996). Data analysis showed that the students are considered low class and that condition influenced, in part, on the choice of course. For five doses among respondents that influence the choice and stay in the School of Education is justified because it is a cheaper and easier way to get a job. But for the other seven respondents the reason for choice and permanence is associated with identification with the area of education. There is, therefore, that despite the respondents recognize the precariousness and devaluation of the profession, the majority states that the course is by choice and want to give continuity to training in this area. As for the meaning that students attach to the profession of pedagogue, most, according to the interviews, links to teaching pedagogy, which demonstrates ignorance on the part of these students, in terms of the comprehensiveness of the pedagogue occupations. This should be the subject of discussions on the formation of this professional course offered by CFP / Campus Cajazeiras.



**Keywords:** Education. Admission. Stay.

# SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** ..... **10**

**1. HISTÓRICO, ÁREAS DE ATUAÇÃO E OS DILEMAS DA PROFISSÃO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS** ..... **14**

1.1. Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil e na Cidade de Cajazeiras ..... **14**

1.2. Áreas de Atuação e Campo de Trabalho do Pedagogo ..... **17**

1.3. O Trabalho Docente ..... **19**

1.3.1. O Pedagogo Enquanto Professor ..... **23**

**2. ANÁLISE DOS DADOS: ACESSO, PERMANÊNCIA E O SENTIDO ATRIBUIDO AO PEDAGOGO** ..... **26**

2.1. O Perfil Sócio Econômico dos Alunos do Curso de Pedagogia e a sua Influência na Escolha da Profissão ..... **26**

2.2. Mapeando os Motivos para a Escolha e Permanência no Curso de Pedagogia ..... **31**

2.2.1. Escolha do Curso por Conveniência ..... **32**

2.2.2. Escolha do Curso por Identificação ..... **37**

2.3. O Sentido que os Alunos de Pedagogia Atribuem à Profissão do Pedagogo ..... **42**

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... **48**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS** ..... **50**

**APÊNDICE** ..... **54**

# INTRODUÇÃO

No século XIX, o Curso de Pedagogia era destinado às mulheres, em que as mesmas eram professoras das séries iniciais. Essas mulheres eram representadas nas escolas como: professoras, babás e até mesmo assumiam a postura de mães. Com o processo de desenvolvimento social e econômico do país, com a ampliação do acesso à escola, cresceram as exigências de qualificação docente e passou-se a exigir um profissional que tivesse capacidade de tomar decisões, ser autônomo, que produzisse com iniciativa própria, que soubesse trabalhar em grupo. Dessa forma, o Curso de Pedagogia passou a ter mais "prestígio" dentro da sociedade.

A partir do início dos anos 80, do século XX, várias universidades efetuaram reformas curriculares no Curso de Pedagogia. Desde aquele tempo, a reformulação do curso tem sido objeto de discussões. No entanto, diante de tantos avanços, o pedagogo, nos dias atuais, não é apenas um professor. É um profissional capaz de atuar em diversos âmbitos educativos e de responder às diversas demandas e exigências no âmbito da educação.

É possível observar no Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPP, 2009, p.8) do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande:

> O curso de pedagogia tem o propósito de contribuir para a formação de profissionais capazes de apreender e compreender criticamente a complexa realidade plural, multifacetada e diversa, existente na sociedade da qual é parte e nesta intervir, de modo positivo e propositivo, atuando como professor pedagogo, em instituições de ensino e como educador pedagogo em diversas áreas e instituições sociais.

A presente pesquisa tem como foco os estudantes do Curso de Pedagogia quanto ao acesso e permanência no curso. A escolha por esta temática tem origem na minha participação na pesquisa intitulada: *Contemporaneidade, Demandas Educacionais e Formação de Professores: Mapeando Compassos e Descompassos,* a qual tinha como objetivo analisar as demandas educacionais contemporâneas postas ao trabalho docente e

os processos de formação de professores no Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande frente a tais demandas.

Durante esse trabalho, foram surgindo alguns questionamentos. Nas entrevistas com os professores, eles destacaram o desinteresse dos alunos pelo Curso de Pedagogia e, nas entrevistas com os alunos, os mesmos revelaram que se sentiam incomodados com a desvalorização do curso.

Através desses comentários, e até mesmo da vivência enquanto ex-aluna do Curso de Pedagogia, em que escutava relatos destacando que o curso não era o dos "sonhos", o "curso almejado" e até mesmo pelo fato dos alunos do referido curso sofrerem, de algum modo, descaso pela escolha dessa profissão, foram surgindo algumas curiosidades e questionamentos quanto às razões para o ingresso e permanência no mesmo.

Sendo assim, o interesse em debruçar sobre a questão do Curso de Pedagogia justifica-se a partir de duas questões básicas: em primeiro lugar, pela importância que tem o pedagogo na atuação docente e em outras áreas tais como: administração escolar, supervisão escolar, na pedagogia hospitalar, na pedagogia empresarial. Em segundo lugar, paradoxalmente, devido ao contexto de desvalorização desse profissional dentro e fora do mercado de trabalho, seja como professor ou como pedagogo.

A partir dessas situações surgiram alguns questionamentos tais como: o que motivou os alunos do Curso de Pedagogia ao ingresso e até mesmo o que os fizeram e fazem permanecer no mesmo?

Diante das inquietações que motivaram o presente estudo, elencamos como objetivo analisar, junto a estudantes do Curso de Pedagogia, os motivos para o acesso e permanência no curso e o sentido que eles atribuem à profissão do pedagogo. Além disso, buscou-se identificar o perfil sócio econômico dos alunos do Curso de Pedagogia e sua influência na escolha da profissão.

A pesquisa que resultou nessa monografia foi desenvolvida na Universidade Federal de Campina Grande, na cidade de Cajazeiras. A amostra constituiu-se de doze sujeitos do Curso de Pedagogia, sendo seis do turno diurno e seis do turno noturno, distribuídos nos diferentes períodos do curso: iniciais, intermediários e na fase final.

As entrevistas foram realizadas de forma individual nas dependências do Centro de Formação de Professores (CFP), em turno oposto aos que os alunos estudavam, sendo gravadas em fitas K7, com autorização prévia dos entrevistados. Neste sentido, esta

pesquisa foi realizada na perspectiva qualitativa e de campo com aproximações ao estudo de caso.

Com relação à pesquisa qualitativa, a mesma "trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO, 1994, p.21 a 22).

Na pesquisa de campo, o investigador assume o papel de observador e explorador, coletando os dados diretamente no local onde surgiram os fenômenos (BARROS, 1990). E o estudo de caso "surge como uma forma aprofundada de um caso individual de certa patologia" (BARROS, 1990, p.84).

O instrumento adotado para a coleta de dados foi a entrevista do tipo semi estruturada, realizada a partir de um roteiro flexível de questões relacionadas ao objeto de estudo. Os dados coletados por meio dessas entrevistas foram processados na perspectiva qualitativa, a partir de instrumentais de análise de conteúdo (BARDIN, 1979).

Os dados coletados por meio de entrevistas foram analisados a partir da associação de duas técnicas de Análise de Conteúdo: análise temática e análise de enunciação. Referindo-se à análise temática, Bardin (1979, p.106) afirma que:

> O tema é geralmente utilizado como unidade de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, crenças, de tendências, etc. As respostas a questões abertas, as entrevistas individuais ou de grupo, de inquérito ou de psicoterapia, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, os psicodramas, as comunicações de massa, etc., podem ser, e são freqüentemente, analisadas tendo o tema por base.

Quanto à análise de enunciação, podemos afirmar que, diferentemente da análise temática, que entende o discurso como um dado, a análise de enunciação entende o discurso como processo. Assim, funciona desviando-se das estruturas formais do discurso e em busca de elementos relevantes na configuração de sentidos que a fala vai revelando e escondendo, ou seja, os elementos que indicam conflitos subjacentes ligados às contradições entre os elementos manifestos e os elementos latentes do discurso (ANDRADE, 1999, p.151). Entre esses elementos, destacam-se as seguintes figuras linguísticas: recorrências, coocorrências, disjunção de pessoa, tempo, lugar, os ilogismos; as figuras paralinguísticas: risos, pausas, silêncios, gaguejamentos, lapsos.

Este trabalho organiza-se da seguinte forma: no primeiro capítulo foi realizado um breve histórico do Curso de Pedagogia, em geral, com ênfase ao Curso de Pedagogia da cidade de Cajazeiras. Destacando ainda as áreas de atuação do Pedagogo, o trabalho docente e os dilemas da profissão. No segundo capítulo foram apresentadas as análises das entrevistas, abordando qual o perfil sócio econômico dos alunos do Curso de Pedagogia da cidade de Cajazeiras e a influência desse perfil na escolha da profissão, assim como os motivos para o ingresso e permanência no curso, sendo subdivididos quanto à escolha por identificação com a área e quanto à escolha por conveniência. No segundo capítulo foi abordado também o sentido que esses alunos atribuem ao Pedagogo.

As considerações finais tecem reflexões sobre o Curso de Pedagogia e seus educandos. Assim como os achados da pesquisa, colocando em evidência a necessidade de gestores dentro das instituições com uma formação específica no Curso de Pedagogia.

# CAPÍTULO I

# 1. HISTÓRICO, ÁREAS DE ATUAÇÃO E OS DILEMAS DA PROFISSÃO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Nesse capítulo aborda-se a história do Curso de Pedagogia no Brasil, como também a história deste curso no Centro de Formação de Professores da cidade de Cajazeiras, tentando informar alguns elementos sobre a história do curso, assim como as suas áreas de atuação. No segundo momento, são apresentados alguns dos dilemas da profissão docente e do pedagogo enquanto professor.

## 1.1. Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil e na Cidade de Cajazeiras

O Curso de Pedagogia estruturou-se no Brasil em 1939, com o intuito de formar pessoas como bacharel em Pedagogia, conhecido como "técnico em educação".

Dessa forma, ficou estabelecido que o "técnico" seria aquele que fizesse três anos de bacharelado, o qual o habilitaria para o exercício de cargos técnicos na área educacional; já o licenciado seria aquele que, após cursar esses três anos do bacharelado, cursasse mais um ano com disciplinas específicas, que eram: didática e prática de ensino. Assim formava-se o professor que iria lecionar as matérias pedagógicas do curso Normal em nível secundário (LIBÂNEO e PIMENTA, 2002).

Em 1962, o Curso de Pedagogia foi regulamentado pela segunda vez, mediante o parecer 251/1962 do professor Valnir Chagas, o qual extinguia o esquema 3+1 (três anos de bacharelado mais um ano com disciplinas específicas) e propunha que a formação do bacharel assim como a do licenciado fosse realizada em quatro anos. Seis anos mais tarde, a Lei 5.540/1968 facultava a graduação em Pedagogia, a oferta de habilitações tais como: supervisão, orientação, administração e inspeção escolar.

Depois disso, em 1969, o parecer do Conselho Federal de Educação - CFE nº 252 e a Resolução nº 2, que dispunha sobre a organização e o funcionamento do Curso de Pedagogia determinava que a formação de professores para o ensino normal e de especialistas para as atividades de supervisão, orientação, administração e inspeção, fosse feita no curso de graduação em Pedagogia, o qual resultaria o grau de licenciado, permitindo o registro para o exercício do magistério nos cursos normais (MURIBECA, 2002).

Após muitas reformulações e questionamentos, tentando aperfeiçoar o Curso de Pedagogia na década de 70, Valnir Chagas analisou a resistência dos legisladores em admitir a formação em nível superior, tanto de professores para o curso normal como de especialistas (inspetores, diretores, etc.) para realizar tarefas administrativas no sistema de ensino. Com isso, no final da década de 70 ganhou força o movimento de redefinição do Curso de Pedagogia denominada, na década de 80, como Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (ANFOPE). A partir desse momento, a identidade do Curso de Pedagogia, assim como do pedagogo, começou a tomar forma e a ser mais discutida, valorizando a formação do professor do ensino fundamental no Curso de Pedagogia (MURIBECA, 2002).

Dessa forma, surge a necessidade e oportunidade de implantação do Curso de Pedagogia na cidade de Cajazeiras, o qual de foi implantado no Centro de Formação de Professores, Campus Cajazeiras, vinculado, na época, à Universidade Federal da Paraíba UFPB.[1] Em 1979 mediante a resolução nº 294/1979 do Conselho Universitário da Universidade Federal da Paraíba-UFPB, tendo iniciado seu funcionamento em 17 de março de 1980. O mesmo foi reconhecido pela portaria nº 114/1984 do então Conselho Federal de Educação, aprovada em fevereiro de 1984 e que teve sua primeira estrutura curricular fixada pela Resolução nº 37/1980 do Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão da Universidade Federal da Paraíba – CONSEP/UFPB, sendo alterada pela resolução nº 01/1984 do mesmo conselho (Projeto Político Pedagógico, 2009).

Além de atender às demandas em formação de nível superior na cidade de Cajazeiras, o Curso de Pedagogia do CFP atende também à população de diversas cidades circunvizinhas, tais como: Sousa, Pombal, Aparecida, São José de Piranhas, São João do

[1] Hoje, este *campus* está vinculado à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), criada em 2002.

Rio do Peixe, Uiraúna, entre outras, e cidades de outros estados, a exemplo do Icó, Lavras da Mangabeira, Ipaumirim, Umari, do estado do Ceará. Ou seja, a população estudantil é bastante diversa.

No quadro docente do referido curso consta, atualmente de 1 especialista, 13 mestres e 10 doutores[2], os quais além das atividades de ensino integram atividades de pesquisa, extensão e monitoria, o que traz efetivamente possibilidades de uma vida acadêmica produtiva neste curso.

O referido curso funcionou a partir de 1980 com duas habilitações: administração escolar e supervisão escolar, as quais foram criadas pelo parecer 252/1969 e Resolução nº 02/1969 do então Conselho Federal de Educação - CFE. O curso ofereceu tais modalidades até o ano de 2004.

Em 1997 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN nº 9.394/1996 determinou a exigência da formação em nível superior para todos os professores da Educação Básica, criando em julho de 1997 o Programa Estudante Convênio/ Rede Pública - PEC/RP através da Resolução nº 01/1997 do CONSEP/UFPB com o intuito de atender aos professores que atuavam em sala de aula, sem curso superior, gerando assim a necessidade de uma reformulação do curso para que sua estrutura curricular atendesse às demandas do programa, levando assim à reestruturação da grade curricular através da Resolução nº 05/2004.

De 2001 a 2003 ocorreram novas reestruturações. A comissão de Graduação do Centro de Formação de Professores elaborou um novo Projeto Político Pedagógico (PPP), que foi aprovado em 22 de abril de 2004, Resolução nº 05/2004, que extinguiu a habilitação em administração escolar, manteve a habilitação em supervisão escolar e instituiu a habilitação em docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental (Projeto Político Pedagógico, 2009). Vale lembrar que antes da extinção de tais habilitações, em decorrência de orientações advindas do Ministério da Educação, já não havia demanda significativa para elas.

Com essa implantação da habilitação em Docência nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental, segundo o PPP do curso, ocorreu uma redução por parte dos alunos na escolha da habilitação em Supervisão Escolar. Com isso aumentou cada vez mais a

[2] Dados obtidos junto a Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. Em 15/04/2013.

discussão sobre qual a identidade que o Curso de Pedagogia assumiria: formar Pedagogos Especialistas ou Pedagogos Docentes. No entanto, em 2006, através da Resolução nº 01/2006, o Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, com a definição da formação em docência nos Cursos de Pedagogia.

## 1.2. Áreas de Atuação e Campo de Trabalho do Pedagogo

O campo científico e profissional do pedagogo tem sido objeto de intensa polêmica. O pedagogo é um profissional capaz de atuar em diversos âmbitos educativos e de responder às diversas demandas sociais e exigências da sociedade atual, que se encontram cada vez mais complexas, a qual é marcada por rupturas, descontinuidades, incertezas e efemeridades de saberes e acontecimentos que assinalam mudanças e novas perspectivas para o pensar, o fazer e o existir humano. (FERNANDES, et.all. 2012) No entanto, o pedagogo e os profissionais do ensino em geral, precisam estar preparados para enfrentar com criatividade e competência os problemas do cotidiano, adotando atitudes como ser flexível, tolerante e estar atento às questões decorrentes da diversidade cultural que caracteriza nossa sociedade atual.

As Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia definem como área de atuação e campo de trabalho do Pedagogo a docência, a participação na gestão e avaliação de sistemas e instituições de ensino em geral, a elaboração, a execução, o acompanhamento de programas e as atividades educativas, de acordo com o parecer CNE/CP nº 05/2005. Observando assim que o campo de trabalho do Pedagogo é vasto e como relata Libâneo (2002, p.62):

> [...] as práticas educativas estende-se às mais variadas instâncias da vida social não se restringindo, portanto, à escola e muito menos à docência... Sendo assim, o campo do profissional formado em Pedagogia é tão vasto quanto são as práticas educativas na sociedade. Em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há ai uma Pedagogia.

Com isso, as áreas de atuação profissional vão desde a docência na educação infantil e anos inicias do ensino fundamental e nas disciplinas da formação pedagógica do nível médio e da educação profissional, até mesmo a organização de sistemas, unidades,

projetos e experiências escolares e não escolares, a produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico e as áreas emergentes do campo educacional.

Portanto, mesmo que a escola continue sendo o *lócus* preferencial de atuação profissional do pedagogo, atualmente, muitas outras oportunidades e campos de trabalho se abrem para o pedagogo. Segundo Libâneo (2002), ele pode atuar como:

- **Assessor pedagógico ou gestor de recursos humanos** em empresas, organizações governamentais e não governamentais, atuando, por exemplo, na supervisão pedagógica e administração de pessoas, orientação de estágios, formação e capacitação profissional em serviços preferencial ou a distancia;
- **Assessor pedagógico** em setores de comunicação, em empresas ou outras instituições, atuando na orientação pedagógica para produção de materiais informativos, instrucionais (didáticos e paradidáticos) e no uso pedagógico de novas tecnologias de comunicação e informação;
- **Assessor ou consultor pedagógico** a serviço de difusão cultural (museus, centros culturais, bibliotecas, brinquedotecas, cineclubes) e de comunicação de massa (jornais, revistas, televisão, rádios, editoras, agências de publicidade, indústrias de brinquedos, etc.).

O pedagogo pode trabalhar também como assessor ou gestor de programas e projetos de natureza socioeducativas, nas seguintes áreas e locais: educação para a saúde (em hospitais, centros de saúde, etc...); educação para o trânsito (setor de planejamento urbano, transportes, etc...); promoção social (empresas, órgãos públicos, etc...); educação ambiental (empresas, órgãos públicos, etc...) recreação e lazer (clubes, entidades de classe, hoteis e instituições ligadas ao turismo).

Outro campo de atuação do pedagogo destacado por Libâneo (2002) é como profissional liberal: consultor pedagógico para projetos de educação à distância, gestão de pessoas, na assessoria educacional, na gestão, avaliação, legislação educacional, em instituições públicas ou privadas, pois como relata o autor citado, o pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias manifestações.

Nesta perspectiva, o Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras (CFP/UFCG-CZ), de acordo com o Projeto político Pedagógico (2009), tem como foco a formação de um

profissional crítico e reflexivo, com princípios éticos e humanistas, preparado para o trabalho docente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, assim como para exercer funções inerentes ao seu campo de atuação.

Dessa forma, o pedagogo formado no Centro de Formação de Professores de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso, poderá atuar na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, na Gestão de Processos Educativos e no Planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de atividades educacionais e na elaboração e implementação de projetos educacionais de caráter interdisciplinar (Projeto Político Pedagógico, 2009, p.12).

Podemos observar que a escola como uma instituição cada vez mais complexa, necessita da mediação do pedagogo escolar com vistas a melhorar a qualidade do ensino. Há um entendimento de que os professores sozinhos nas salas de aula não dão conta de produzir uma aprendizagem significativa aos alunos. Além dos profissionais da esfera operacional e administrativa, uma aprendizagem de efetiva qualidade demanda intervenções pedagógicas e educacionais, desde que esse profissional tenha uma formação específica nos Cursos de Pedagogia.

Diante dessa realidade, abordaremos, a seguir, o trabalho docente, partindo do princípio de que a escola atual encontra-se cada vez mais complexa, dificultando assim a ação dos docentes em sala de aula e a necessidade de pedagogos escolares no desenvolvimento qualitativo dos processos de ensino aprendizagem que nela ocorre.

## 1.3. O Trabalho Docente

Após abordarmos as áreas de atuação do profissional formado em Pedagogia, destacaremos a seguir o trabalho docente, tanto dos educadores em geral como também dos Pedagogos professores.

No decorrer do século XIX a profissão docente foi desempenhada por pessoas religiosas e sob o controle da igreja, como um ofício a seguir. Com o tempo, ocorreu o processo de estatização do ensino, no qual o corpo docente foi composto por professores laicos e sobre o controle do Estado. Sem que tenha havido mudanças significativas nas

motivações, nas normas e nos valores originais da profissão docente: o modelo do professor continuou sendo muito próximo do modelo de padre. Com o tempo, a missão de educar é substituída pela prática de um ofício e a vocação sede lugar à profissão (NÓVOA, et.all, 2000).

Hoje, a profissão de professor é motivo de discussão e debate, não sendo mais pertinente ao mesmo assumir o papel de "educador profeta" (GALLO, 2003), que anuncia e prepara um futuro ideal, formando sujeitos para viver e conviver nesse futuro, pois estamos vivendo em uma sociedade marcada por incertezas e crises, tais como: crise de identidades, de perspectivas de futuro, de valores, entre outras (FERNANDES, et. all. 2012). É nesse contexto que precisamos pensar a ação educativa, onde não existe mais o consenso de um modelo ideal de homem e de sociedade a ser seguido. Durante os últimos vinte anos, o consenso social foi desfeito sobre os objetivos das instituições escolares e sobre os valores que devem fomentar (ESTEVE, 1995).

Neste caso, a perspectiva de se construir antecipadamente um modelo de homem para atender as necessidades futuras é algo que a cada dia se distancia de nós. Então, como pensar a educação nesse panorama levando em conta que a educação, desde a antiguidade até a modernidade, colocou-se como um pensamento e um ato político e sistemático, cuja intencionalidade é projetar e preparar o futuro que ainda não existe e que não se sabe quais serão suas exigências? É neste sentido que a docência tem se constituído nessas últimas décadas como um campo complexo.

Com essas crises, afeta-se o meio educacional, os pais já não sabem mais que finalidades a educação deve cumprir e para onde devem ser orientadas suas ações. A profundidade do processo de mudança social nos obriga a repensar quais os fins educativos para a formação das novas gerações e nos leva a perguntar: quem assume a responsabilidade de formar as novas gerações, sobre qual legado cultural, quais valores, que concepção de homem e de sociedade desejamos transmitir, formar? (TEDESCO, 1998). Assim, a contemporaneidade é tida como um tempo no qual o papel e a ação docente estão sendo marcados por dúvidas, incertezas e indefinições.

Dessa forma, ocorrem mudanças em todo o mundo quanto às exigências na ação e, consequentemente, na formação dos docentes, sendo que essa formação não ocorre de forma isolada ao que está acontecendo na sociedade, seja na política ou na economia, já que estes sujeitos estão inseridos em uma instituição e esta, por sua vez, não se desvincula

deste contexto. Com isso, a profissão docente requer desse profissional a capacidade para entender a complexidade que a mesma carrega, conforme ilustra as palavras de Silva (1999, p.28):

> [...] quando pensamos em exercício da docência, é preciso compreender a complexidade que assume hoje a ação e a formação docente, pois se entende que professoras e professores precisam, mais do que nunca, assumir sua identidade como trabalhadoras/es culturais envolvidas/os na produção de uma memória histórica e de sujeitos sociais que criam e recriam o espaço e a vida sociais.

Nas instituições de ensino a preocupação maior dos professores deve ser de formar pessoas críticas, capacitadas para atender às demandas sociais. No entanto, a cada dia, escuta-se nos discursos políticos, nos discursos econômicos, que a própria escola está longe de formar essas pessoas nesse nível de exigência. Então vivemos um verdadeiro dilema em que a sociedade não pede para que os docentes preparem as novas gerações para responder ou atender às necessidades atuais e sim para atender às exigências de uma sociedade futura, que ainda não existe (ESTEVE, 1995). Desse modo, precisamos trabalhar esses alunos, na perspectiva de torná-los mais autônomos e críticos como Freire (2002, p.49) sempre diz: "eu só educo no momento que eu gero autonomia".

Podemos observar também que a crise educacional não está relacionada apenas ao cumprimento das demandas do mercado, está associada também à estrutura social, como o sistema administrativo e político, a família e o sistema de valores e crenças que, a cada dia, é modificado, ampliado e indefinido. (TEDESCO, 1998).

Outro fator que gera a crise educacional e a desvalorização profissional é quanto ao aumento das exigências do papel do docente para além do ensino, em que esses profissionais têm que "cuidar do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual" (ESTEVE, 1995, p.41). Observamos também que foi repassada para a escola e para o docente toda a responsabilidade da família, a qual era unidade educativa e produtiva, hoje a mesma se encontra cada vez mais envolvida em atividades fora do ambiente familiar; dessa forma, os pais passam ao lado dos filhos um menor tempo, encarregando aos professores os ensinamentos que recebiam em casa (SANTOS, 2001).

Essas mudanças tenderam a exigir que a escola, os docentes/pedagogos assumissem as características de uma instituição que, além de se responsabilizar pela formação do núcleo básico de desenvolvimento cognitivo, também deve formar a personalidade dos jovens e futuros profissionais. Essa nova tarefa afeta as dimensões da instituição escolar, desde a definição do currículo até os critérios de avaliação e o pessoal docente (NÓVOA, 1995).

Podemos destacar também que, com o avanço da ciência e sua popularização, a mesma contribuiu e contribui para o desgaste da autoridade dos docentes, os quais, durante muito tempo, foram vistos como guardiões exclusivos destes saberes. Diante disso, a profissão docente torna-se cada dia mais complexa, devido ao fato do professor não ser mais o único agente dotado de conhecimento, e igualmente pelo fato dessa profissão ser bastante desvalorizada social e economicamente, no que se refere à formação, aos salários, condições de trabalho, entre outros. Este aspecto é confirmado por Libâneo (2008, p. 76) ao analisar que:

> [...] a profissão de professor vem sendo muito desvalorizada tanto social quanto economicamente, interferindo na imagem da profissão. Em boa parte isso se deve as condições precárias e profissionalização, salários, recursos materiais e didáticos, formação profissional, carreira, cujo provimento é em boa parte responsabilidade dos governos.

Essa desvalorização ocorrida quanto à profissão docente já vem ocorrendo há algum tempo, a qual vem sendo discutida e abordada nos estudos de importantes teóricos da educação, em pesquisas com profissionais que atuam diretamente em sala de aula, os quais relatam as condições precárias de trabalho, como podemos observar em uma pesquisa realizada por Gonçalves (*apud* NÓVOA, 2000), em que as condições de trabalho foram destacadas como um dos principais fatores que acusam os piores anos da carreira. A falta de apoio e de reconhecimento social do trabalho docente é, portanto, cada vez mais evidente e, muitas vezes, não se vislumbra possíveis soluções.

Outro fato relevante é que o professor com uma formação universitária há algum tempo atrás tinha um elevado *status* social e cultural, além de o saber e a profissão desses profissionais eram amplamente apreciados. Entretanto, atualmente, o "*status*" social é estabelecido a partir de critérios econômicos e a profissão docente passa a ser vista por

muitos como aquela destinada a um determinado tipo de classe social, a classe desfavorecida economicamente, na qual o fato de alguém ser professor tem a ver com uma incapacidade de "ter um emprego melhor", uma atividade profissional em que se ganhe mais dinheiro (ESTEVE, 1995).

Hoje em dia, até mesmo a categoria de professores desvaloriza sua profissão, a utilização de frases nos carros: "Não me assalte, sou professor!", é um exemplo disso, sem falarmos das políticas governamentais que também não valorizam o professor. Este tem que trabalhar em várias escolas ou faculdades para poder adquirir uma condição financeira melhor, gerando assim o acúmulo de trabalho. O que, por sua vez, prejudica a qualidade do trabalho docente, gerando, algumas vezes, cansaço, estresse, síndromes e até mesmo o desinteresse por parte dos professores. Sem falar que esses profissionais da educação nem sempre têm a sua formação devidamente reconhecida, muitas vezes são substituídos por profissionais que não têm uma qualificação adequada, como ilustra Nóvoa (2002, p. 22) ao relatar que:

> Mesmo quando se insiste na importância da sua missão, a tendência é sempre para considerar que lhes basta dominarem a matéria que ensinam e possuírem um certo jeito para comunicar e para lidar com os alunos. O resto é dispensável. Tais posições conduzem inevitavelmente o desprestígio da profissão, cujo saber não tem qualquer "valor de troca" no mercado acadêmico e universitário.

Observando assim, que apesar da sociedade reconhecer a importante missão do professor que é o de formador, o mesmo muitas vezes é substituído por pessoas sem formação adequada.

### 1.3.1. O Pedagogo Enquanto Professor

A formação em pedagogia também recorrentemente é objeto de polêmica e discussão nos meios intelectuais e profissionais com relação ao seu *status* científico e campo profissional, e a mesma não consegue adquirir prestígio social, como outros cursos, por exemplo: medicina, engenharia, direito e outros, por habilitar profissionais à docência

e também por suas áreas de atuação ainda serem ocupadas por outros profissionais sem qualificação adequada. Isso ocorre devido à desvalorização econômica e social com a profissão docente, assim como também com o pedagogo.

Em muitas regiões do Brasil, os cargos que são de atuação dos pedagogos, tais como: direção, supervisão, entre outros, ainda são ocupados por quem não tem uma formação adequada. Por tradição de uma política clientelista, esses cargos são indicados pelos nossos governantes em exercício: prefeitos, vereadores, deputados, entre outros. Essa realidade é comprovada através de estudos que abordam o tema da ocupação profissional dos pedagogos, como observaremos na fala de Pinto (2006, p.12) ao afirmar que os cargos de especialistas da educação são ocupados por pessoas que não tem uma formação especializada na área pedagógica:

> Exemplifica bem essa situação a criação da função de professor-coordenador-pedagógico, pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que permite o acesso de qualquer professor ao cargo, mesmo sem formação específica na área de coordenação pedagógica.

Outro dado que comprova essa afirmação é quanto aos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação – INEP/MEC, os quais mostram que, em 2005, 60% dos cargos de direção ocupados nas escolas públicas eram de pessoas indicadas pela prefeitura ou do governo do estado. Os 40% restante eram eleitos pelos professores ou por concurso. E que em alguns estados, esse percentual chega as ser superior a 90%. É o caso do Amapá (94,7%), do Rio Grande do Norte (92,3%) e do Sergipe (92,0%). (GOIS, 2005).

No entanto, vale destacar que, em alguns Estados, apesar dessas indicações, ocorre a realização de concursos com algumas vagas para esses cargos, exigindo-se titulação compatível com os cargos a serem ocupados. Essa prática deve ser ampliada para toda a realidade brasileira, com vistas a uma valorização da profissão.

Dessa forma, a não exigência de uma formação específica em Pedagogia para atuar nos cargos de gestão, corrobora com a desvalorização do pedagogo.

Essa desvalorização da profissão do pedagogo gera por parte dos alunos comportamentos de acomodação e até mesmo relatos de que estão no curso apenas para obterem um diploma de nível superior. Por ser considerado um curso "fácil" e menos

concorrido, fica como segunda opção para alguns alunos, logo que conseguem ser aprovados em outros cursos de melhor *status* social o abandonam. Apesar de alguns enveredarem nessa carreira por "gosto" e identificação com a área.

Em virtude desse contexto, acabam não "respeitando" o curso, não dando importância ao que é estudado. Estes, muitas vezes, concluem o curso insatisfeitos e, até mesmo, incapazes de atender às exigências educacionais e sociais.

Esse fato pode ser observado nas palavras de Sousa Neto (2005, p.257) ao afirmar que "aos salários aviltantes se credita a ideia de que ser professor é uma coisa menor, desqualificada e desqualificante, podendo-se exercer o ofício de qualquer modo, como se ganhar pouco justificasse ao fim e ao cabo o descompromisso e a apatia".

Observamos que esses profissionais, sejam docentes ou especialistas, tornam-se profissionais medíocres, sem estímulo, que buscam em outras profissões o complemento para o sustento pessoal e familiar e, em alguns casos, até mesmo o prestígio social. Pimenta (2002, p.77) afirma que "as condições de trabalho e a desvalorização social da profissão de professor, de fato, prejudicam a construção da identidade dos futuros professores com a profissão". Gerando assim uma desidentificação com o que se faz gerando uma identidade negativa como nos ilustra Sousa Neto (2005, p.257) ao destacar que "essa postura de desidentificação e identidade negativa gera um enorme enfraquecimento da comunidade profissional e, ao mesmo tempo, compromete sobremodo o exercício coletivo da profissão e suas mais justas reivindicações".

Com isso, os profissionais desvalorizam eles mesmos a sua profissão, esquecendo-se que eles próprios são os principais agentes da formação dos alunos e sujeitos críticos e que a qualidade dos resultados de aprendizagem desses sujeitos é inseparável da sua qualificação e competência profissional (LIBÂNEO, 2008), esquecendo que os baixos salários não são apenas dos que exercem a profissão de professor.

Os profissionais pedagogos não conseguem ordenar sua profissão com base na identidade que lhes é de direito devido à organização dos Cursos de Pedagogia ser de forma "solta", sem uma fundamentação teórica, desprezando a dimensão epistemológica que deveria fundamentá-la. A não consideração da natureza epistemológica da Pedagogia como campo científico da educação tem produzido dificuldades para construção e compreensão da identidade profissional e para a formação do pedagogo.

# CAPÍTULO II

# 2. ANÁLISE DOS DADOS: ACESSO, PERMANÊNCIA E IMPORTÂNCIA DO CURSO DE PEDAGOGIA

No presente capítulo nos propomos analisar os dados coletados através das entrevistas, relatando o perfil sócio econômico dos alunos do curso, assim como também qual a influência desse perfil na escolha da profissão. Durante a explanação desse capítulo serão abordados os motivos que levaram os alunos ao ingresso e permanência no curso, sendo subdivididos em: escolha por identificação e escolha por conveniência e, por fim, relatamos qual o entendimento dos alunos sobre a profissão de pedagogo.

## 2.1. O Perfil Socioeconômico dos Alunos do Curso de Pedagogia e a sua Influência na Escolha da Profissão

Durante muito tempo, a educação foi um privilégio de poucos, desde os primórdios da civilização ocidental no Egito, na Grécia e em Roma a mesma foi instituída como um privilégio das elites dominantes (PONCE, 1985). No Brasil, essas condições não foram diferentes, pois apenas uma parte da elite econômica podia acessá-la.

Com o tempo, isso começa a ser modificado, pois tem início a escolarização de parcelas das camadas populares e o surgimento da idéia de educação como um direito, não mais como um privilégio. Hoje, em pleno século XXI, a educação é um direito de todos, independentemente de sua classe social. Apesar de ainda existir um grande número de pessoas analfabetas e de jovens e crianças que acabam abandonando os estudos, esse número vem diminuindo entre as pessoas com mais de dez anos no Brasil, como observamos nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011) ao relatar que, no fim de abril, o instituto divulgou dados gerais sobre o analfabetismo e apontou que o país tem 14,61 milhões de analfabetos com mais de dez anos, o que representa 9% da população nessa faixa etária.

Diante desses dados, podemos observar que o Brasil avançou, porém, 14,61 milhões de pessoas, com mais de dez anos são analfabetas. Ainda é um número alarmante. Outro dado preocupante é quanto à evasão no ensino superior que, apesar de ter diminuído ainda existe um crescente número de jovens estudantes que desistiram do curso superior, como observamos nos dados a seguir:

> Em 2009, a taxa de evasão escolar do ensino superior no Brasil caiu. Passou de 22% em 2008, para 21% em 2009. O número parece positivo, mas quando nota-se que ele corresponde a cerca de 900 mil estudantes que desistiram de continuar estudando, a situação muda de figura. (IBGE, 2011)

Dessa forma, observamos que ainda existem muitas dificuldades quanto à permanência nas escolas e que esta realidade não é diferente nos cursos superiores, pois muitos alunos têm dificuldade tanto de acesso quanto de permanência nas universidades. Diante dessa realidade, um dos tópicos a ser abordado nesse capítulo é o perfil socioeconômico dos sujeitos do Curso de Pedagogia e a influência desse perfil na escolha do curso.

A pesquisa foi realizada com uma pequena amostra de doze sujeitos, todos solteiros, com idade entre 19 a 30 anos, em que relataram considerarem ser de classe baixa.

Dentre os entrevistados, cinco deles relataram ter a renda familiar de até um salário mínimo, seis deles têm renda entre um salário e meio a dois salários e apenas um relatou ter uma renda de dois a três salários. No entanto, apesar da pequena amostra observamos que esse grupo de sujeitos pode ser considerado de classe baixa, segundo classificação do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) que utiliza uma classificação por salários mínimos o qual classifica como sujeitos de classe baixa aqueles que recebem até dois salários mínimos[3].

Outro aspecto que nos faz relatar com mais clareza essa afirmação está relacionada aos sujeitos terem ou não residência própria, observando que dentre os entrevistados sete não tem residência própria, chegando a morar em casa alugada ou de parentes e os outros cinco entrevistados destacaram ter residência própria.

[3] Dados obtidos através do: http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_social em 22/02/2013.

Dentre os entrevistados sete moram com os pais, e cinco dos sujeitos moram com parentes e amigos. Destes que se disseram morar com parentes e amigos dois relataram morar na zona rural e terem que vir para a sede do seu município, tendo em vista tornar mais fácil o seu deslocamento até a universidade. Como observamos a seguir:

> [...] quando entrei na universidade aí vim... assim, vim morar na cidade de Cachoeira dos Índios, que eu morava no sítio, sabe? Aí vim morar na cidade, sai do sítio pra ficar mais fácil pegar o ônibus pra vir pra universidade aqui em Cajazeiras... (Entrevistado 5, 3° período, manhã).

> [...] sou da cidade de Pombal, moro com minha irmã e umas primas, 4 pessoas em uma casa que é dos meus avôs, meus pais moram no sítio lá em Pombal, eu vim morar na cidade pra ficar mais fácil de vir todo dia pra Universidade, pois fica um pouco distante. (Entrevistado 6, 2° período, noite).

A realidade não é diferente para os outros três entrevistados que relataram morar com parentes e amigos, alegaram morar distante e terem que vir morar na cidade de Cajazeiras, os depoimentos a seguir são ilustrativos:

> Sou de Pombal, moro com quatro pessoas: dois primos e a esposa de um deles aqui em Cajazeiras, vim pra ficar mais fácil vir pra universidade todo dia, ficava muito cansativo sair de lá de Pombal bem cedinho e vir pra Cajazeiras, aí resolvi vir morar aqui. (Entrevistado 7, 6° período, noite).

> Sou de Santa Cruz, moro aqui em Cajazeiras em uma casa alugada com mais quatro meninas da minha cidade (Santa Cruz). Vim morar aqui por conta da universidade, tive que vir, Santa Cruz é muito distante, aí falei com minhas colegas e estamos dividindo uma casa. (Entrevistado 12, 5° período, noite).

Dessa forma, podemos observar que muitos sujeitos do Curso de Pedagogia são de outras cidades, dificultando assim o seu deslocamento até a Universidade, como também uma maior dedicação aos estudos, como a participação em projetos, monitorias e até mesmo a dedicação com as disciplinas do curso, devido ao cansaço decorrente do longo tempo de deslocamento e até mesmo a precariedade dos transportes. Muitos sujeitos, os quais não moram na cidade de Cajazeiras, deparam-se com o cansaço decorrente do deslocamento diário dentro de um ônibus.

Com relação aos sujeitos trabalharem ou não observamos que seis dos entrevistados não trabalham, apenas estudam. Outro fator observado é que todos esses moram com os pais. O relato a seguir é ilustrativo:

> Eu não trabalho, apenas estudo, meus pais não querem que eu trabalhe para que esse trabalho não prejudique nos meus estudos, tenho que me dedicar aos meus estudos dentro da universidade. (Entrevistado 4, 3° período, noite).

Esses dados evidenciam o fato de que muitos pais não deixam ou não querem que os filhos trabalhem durante a sua formação escolar e até mesmo universitária.

O fato desses seis sujeitos não trabalharem, apenas estudarem pode ser justificado em decorrência de alguns pais acreditarem que o trabalho dificulta cada vez mais o desenvolvimento dos filhos dentro das Universidades ou até mesmo das escolas, fato esse observado em outros estudos como podemos citar Portes (2011, p.70) ao relatar sobre uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, em que os pais e até mesmo os próprios alunos relatam que, "a entrada no mundo do trabalho parece significar um desvio de rota quase irrecuperável, danoso, no futuro, quanto à esperança de se conseguir algo mais leve como ocupação".

Os outros seis entrevistados trabalham, sendo dois na área da educação, dois em casa de família e dois na área comercial. Podemos observar que entre os sujeitos entrevistados que se dizem trabalhar, cinco deles moram com parentes ou amigos em casa alugada e apenas um deles mora com os pais. Deduzimos assim que esses cinco sujeitos têm responsabilidades a cumprir, pagar aluguel, alimentação, entre outras coisas, e que os mesmos buscam o sustento através do trabalho, reconhecendo que os pais não têm condições financeiras para arcar com os seus estudos, trabalhando até mesmo em áreas que não fazem parte da sua formação. Como observamos nos depoimentos a seguir:

> [...] não consegui ficar na casa de apoio da UFCG, então arranjei um emprego lá (cidade de Cachoeira dos Índios) para me manter, trabalho como contratada, como professora e moro com primos em uma casa alugada. Então já que meus pais não têm condições de me sustentar, preciso desse trabalho para pagar as apostilas do curso, o aluguel, alimentação, luz, água e outras coisas (risos). (Entrevistado 5, 3° período, manhã).

> [...] Aí, tive que arrumar um emprego para ajudar ao meu pai nas coisas de casa, afinal agora é duas casas para ele sustentar, a lá do sítio e a que agente mora na cidade lá em Pombal (risos) trabalho em uma loja de calçados só pela manhã... (Entrevistado 6, 2° período, noite).

Como nos depoimentos acima, as manifestações das necessidades materiais aparecem de forma recorrente durante as entrevistas em quase todas as situações abordadas. As condições materiais tanto da família e até mesmo dos próprios jovens que são criados sobre a ética do trabalho assim como expostos a uma mídia que incentiva o consumo, os jovens se veem na obrigação moral de produzir a sua própria existência e adquirir um pouco de autonomia (PORTES, 2011).

Acredita-se que esse perfil socioeconômico tenha contribuído com a escolha da profissão pelo fato dos sujeitos entrevistados serem filhos de pais agricultores ou outras atividades que não lhes oferece uma renda fixa como podemos observar em seus depoimentos: "A minha renda familiar é de um salário mesmo, pois o meu pai é agricultor, não tem uma renda fixa". (Entrevistado 1, 9° período, noite); "Minha mãe é funcionária pública, ganha um salário mínimo e meu pai é agricultor". (Entrevistado 4, 3° período, manhã); "O salário é de mais ou menos dois salários mínimo, é que assim não tem renda fixa não, meu pai trabalha como cozinheiro no Pará e meu irmão como vendedor". (Entrevistado 5, 2° período, noite).

Destacamos também que as influências sociais delimitam até mesmo nossos sonhos. Dessa forma, quando somos de classe menos favorecidas os nossos projetos, em alguns momentos, tornam-se limitados, ou seja, sonhamos apenas na medida em que eles podem ser realizados.

Portanto, para muitos desses sujeitos poder fazer o curso que realmente almejam não se configura como uma possibilidade real. Muitos deles assinalaram o fato de saber que optaram por um curso que podem fazer e não pelo curso que gostariam de fazer. Apesar de que para alguns existe o desejo de ir além do que as condições sociais, culturais e econômicas lhes são impostas, buscando fazer o curso dos "sonhos". Assim sendo, para alguns estudantes a escolha de uma profissão acontece num campo de possibilidades muito restritas.

Com isso, as condições socioeconômicas influenciaram, de forma declarada, a escolha do curso por parte de cinco dos doze entrevistados, como abordaremos no tópico a

seguir ao relatar os motivos para escolha e até mesmo o que os fazem permanecer no curso.

## 2.2. Mapeando os Motivos para a Escolha e Permanência no Curso de Pedagogia

O curso superior é tido por muitos como o alicerce para um futuro melhor, um futuro desejado, calcado na construção de uma carreira profissional. No entanto, como não existem vagas para todos que concluem o ensino médio, os processos seletivos configuram-se como um processo exacerbado e de acirrada disputa; disputa essa que se dá entre todos da classe estudantil, seja de classe baixa, média ou alta, em que precisam provar para si mesmos, para a família e para a sociedade em geral a sua capacidade de competir e de vencer.

Nesta mesma circunstância, precisam fazer uma opção séria, muitas vezes consideradas por eles, à primeira vista, como definitiva, a qual se configura como uma decisão difícil para a vida.

Com isso, os processos seletivos são colocados para os jovens como uma barreira a ser transposta na busca deste futuro almejado; dessa forma, os mesmos precisam estabelecer uma grande disputa com os seus concorrentes e travar uma luta ferrenha consigo próprios para aprender, reter e dispor de uma gama maior possível de conhecimentos que lhe serão cobrados nesses processos seletivos. (FERNANDES, et.all. 2012).

Diante disso, os jovens acabam ficando muito preocupados e com medo de não conseguirem o ingresso no curso superior, enfrentam também o desafio de escolher um curso e a profissão que irá desempenhar. Assim, muitos acabam escolhendo o curso por gosto ou influência de alguém, ou, em alguns casos, por ser considerado um curso menos concorrido.

Diante dos dados obtidos na pesquisa, observamos que, dentre os doze sujeitos entrevistados, sete mostraram que a escolha do curso se deu por identificação com a área e os outros cinco relataram que se deu por não terem condições de cursar o curso almejado.

Com isso, para um melhor entendimento dividimos esse tópico em dois sub tópicos distintos as diferentes motivações.

### 2.2.1. Escolha do Curso por Conveniência

Como observamos no tópico anterior, cinco dos sujeitos entrevistados apontaram como motivo para escolha do Curso de Pedagogia a falta de condições financeiras para cursar outro curso ou por terem dificuldade para se deslocar para outra cidade. Dois dos entrevistados destacaram esse aspecto de forma clara:

> "(...) queria Educação Artística ou História da Arte... mas, como aqui não tinha e na época que fiz vestibular não tinha condições também de estudar fora e de meus pais me bancarem, então Pedagogia foi minha segunda opção". (Entrevistado 10, 6º período, noite).

Os sujeitos entrevistados também destacaram que a escolha do Curso de Pedagogia aconteceu por ele ser considerado um curso "mais barato". Dois dos sujeitos apontaram esse motivo para escolha do curso, destacando que um curso superior que não seja para professor tem os custos com materiais didáticos mais elevados, como bem ilustra os depoimentos abaixo:

> (...) meu sonho era fazer psicologia, aí assim... mas como não tinha essa opção aqui, aí pesquisei aqui entre os cursos de licenciatura que são os que gasta menos, pois os outros cursos, medicina, psicologia, gasta muito, eles pedem muitos livros e muitas apostilas... (Entrevistado 9, 8º período, manhã).

> [...] porque eu fazia o pedagógico e minha mãe é professora, aí eu fiz, assim... botei pedagogia por botar mesmo e por causa disso, por causa dela, por influencia da minha mãe e também porque não tenho condições de cursar um curso caro, pois por mais que seja uma universidade pública gasta muito, com livros, apostila, né? por causa disso. (Entrevistado 1, 9º período, noite).

Essa afirmação pode ser também destacada, através do estudo realizado com os pais e os alunos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde é observado que há muitos gastos para manter um aluno na Universidade, mesmo que seja pública, como podemos observar nas palavras de Portes (2011, p.74), quando relata que: "Colocar e manter um filho nos cursos de Medicina, Fisioterapia, Direito[...] mesmo numa universidade pública, são atos que retiram a tranquilidade da família, pois trata-se de um ensino público relativizado".

Apesar das Universidades Públicas oferecerem o ensino de forma gratuita, oferecer residência universitária para alguns, alimentação, empréstimo de livros, etc., a mesma não disponibiliza transporte e não cobre outros custos necessários para a manutenção de alunos das classes populares dentro da instituição.

Sabemos também que as universidades públicas disponibilizam bolsas de Iniciação Cientifica, Extensão e Monitoria, através das quais os alunos participam de projetos em horário oposto ao seu curso, bolsas as quais são de grande importância financeira como também de aprendizado dentro das instituições. No entanto, elas são reduzidas, não atendem a todos os que necessitam delas e, mesmo diante destes benefícios, um curso superior impõe gastos financeiras que muitas vezes as bolsas não suprem.

Dentre os cinco sujeitos que relacionaram a escolha do curso à falta de condições financeiras, um deles também justificou tal escolha destacando a proximidade da Universidade à sua residência e por ser um curso gratuito, como podemos observar em suas palavras: "[...] sempre gostei de criança e dos cursos que tinha aqui, né? Mais perto e de graça, desses o que mais me identificava era pedagogia". (Entrevistado 5, 8° período, noite).

Esta realidade quanto à dificuldade de deslocamento para outra cidade, em busca do "curso dos sonhos" foi destacada pelos entrevistados e os mesmos alegam não terem condições financeiras de se manterem, por mais que os cursos sejam gratuitos. Com isso, podemos observar que, por mais que a Educação nos dias atuais seja um direito de todos, ainda existem situações que limitam ou dificultam a permanência e acesso de alunos das classes menos favorecidas à Universidade. De uma forma ou de outra, acaba restringindo algumas pessoas dessa classe, as quais continuam tendo suas escolhas e condições de permanência no curso superior de forma limitada.

Essas limitações começam desde a preparação para o ingresso na Universidade através do processo seletivo vestibular ou ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), no qual esses alunos têm menos chance na concorrência pelos cursos mais prestigiados em relação aos alunos das classes mais favorecidas, pois estes têm a oportunidade de cursarem boas escolas particulares e cursinhos preparatórios.

Mesmo que o ingresso no curso tenha sido motivado por "falta de opção", isto é, tenha sido aliada às condições sociais, observamos que os entrevistados têm algum tipo de identificação com o curso. Quando indagados sobre: "Quais os motivos fizeram ou fazem você permanecer no curso?" Os mesmos deram justificativas que vão desde o simples fato de já estarem concluindo o curso até mesmo a identificação com as disciplinas e a sua semelhança com o curso de sua preferência.

Assim, um dos motivos que fizeram esses sujeitos permanecerem no Curso de Pedagogia foi o gosto pelas disciplinas. O gosto pelas disciplinas em geral, ou até mesmo aquelas que se assemelham ao curso almejado, como as de Psicologia, sendo destacado por dois dos sujeitos, como ilustram os depoimentos: "O que me faz permanecer no curso é que eu gostei do curso, gostei das disciplinas que são trabalhadas no curso". (Entrevistado 3, 1° período, manhã).

> Gostei da Psicologia, e aí depois quem sabe, porque eu fui vendo que assim... pra...pra conseguir um emprego, pra depois eu conseguir chegar ao meu objetivo, (fazer psicologia) ou talvez não ficar, não ficar na sala de aula mas quem sabe numa coordenação, supervisão, ou então alguma coisa da psicologia e iria me servir muito, não ia ficar...não ia ser jogado no lixo. (Entrevistado 9, 8° período, manhã).

Alguns sujeitos remetem a escolha do Curso de Pedagogia por considerarem um curso fácil para estudar e conseguir um emprego no mercado de trabalho, assim como pelas suas condições financeiras para arcar com os custos do curso, para que após sua formação possam trabalhar e assim realizar o curso almejado, seja numa Universidade pública ou privada.

Outro aspecto destacado por um dos sujeitos, para justificar sua permanência no curso, vinculou-se às leituras trabalhadas e a relação com os colegas e os professores, como observamos a seguir:

> ... foi porque eu me encantei pelo curso, com as leituras, gostei das relações com meus colegas daqui da minha classe, principalmente com os professores, então o que não me fez desistir foi o fato de que já que comecei, tenho que terminar. (Entrevistado 10, 6º período, noite).

Como podemos observar no depoimento acima, um dos sujeitos também relacionou sua permanência no curso à proximidade da sua conclusão, como observamos em seu relato: "Eu tô terminando, mas é porque assim... eu vou terminar porque eu quero terminar, porque já estou aqui mesmo, mas, eu não gosto do curso não, vou terminar porque já estou no final". (Entrevistado 1, 9º período, noite).

Outro fator destacado se refere à busca incessante pela valorização do curso e do professor, o qual se diz ter escolhido por ser perto e gratuito, mas passou a gostar do curso e pretende tentar mudar a realidade da educação brasileira, como afirma o sujeito a seguir:

> Assim, eu gosto mesmo da questão social de... de ver a questão assim de ser um bom profissional, apesar de na educação o salário da educação é muito triste, Né? Então assim a gente ta vendo a educação popular, os movimentos sociais que a gente deve mudar, que a gente pode mudar, deve tentar mudar essa realidade, porque a educação ta difícil e a gente tem que pensar nos nossos filhos, como vai ser essa educação se os professores ganham pouco? Temos que lutar por melhores salários e melhores condições de trabalho, pois acho que se uma pessoa ganha pouco ela produz pouco e procura outras coisas para melhorar o salário. (Entrevistado 5, 8º período, noite).

A precarização do trabalho docente e a busca por reverter este quadro foram destacados por muitos sujeitos ao serem abordados com o seguinte questionamento: "Se você tivesse a oportunidade de escolher outro curso, você escolheria?

Dessa forma, três dos entrevistados destacaram que sim e dois disseram que não, alegando já estarem concluindo o curso ou até mesmo por buscarem melhores condições aos pedagogos como também foi um dos motivos a permanecer no curso: "Não mudaria, ficaria com pedagogia, mesmo sabendo do salário e acho que a gente pode mudar, pode melhorar". (Entrevistado 5, 8º período, noite).

Dentre esses três sujeitos que se disseram almejar outro curso, um deles colocou como "sonho" o curso de medicina veterinária, o qual já tentou o ingresso e não conseguiu, destacando ser um curso concorrido, como podemos observar:

> [...] ah! Mulher, medicina veterinária! Porque eu gosto de animais demais, demais, demais, adoro animais, amo, Ave Maria amo demais [...] assim, eu já tentei, assim todo ano eu tento, o PROUNI, eu faço o ENEM e tudo, tento tudo, mas não dá certo para entrar. É difícil, é mais concorrido, tem que ter uma nota boa e tem a questão de como é que vou me manter, ter que me deslocar pra fora porque aqui não tem, tem isso também. (Entrevistado 1, 9º período, noite).

Observamos que muitos alunos não conseguem o ingresso no curso almejado, optando assim por um curso menos concorrido. Isto pode estar vinculado à "elevada competitividade por uma vaga na universidade pública, sendo que o acesso ao ensino superior nestas instituições representa um grande desafio" (TEIXERA, 2011).

Os outros dois sujeitos relataram que se tivessem a oportunidade de escolher outro curso escolheriam psicologia, curso o qual almejam ou até mesmo o desejo surgiu a partir das disciplinas do Curso de Pedagogia, como observamos abaixo:

> Psicologia, porque eu sempre gostei, assim de... sempre gostei de entender o ser humano, e psicologia é isso. né? aí por isso que eu gostaria de fazer psicologia. Não já fiz porque minhas condições financeiras não me deram essa possibilidade, né? a mais cabível assim pro meu, pra minhas condições seria estudar aqui mesmo em Cajazeiras, então eu escolhi o curso que tinha aqui. (Entrevistado 9, 1º período, manhã).

> Acho que psicologia, foi a partir das cadeiras que paguei aqui no curso de pedagogia. É ... eu não mudei ainda porque só tem fora e aí fica difícil, ficar longe da família e fora os gastos, mas eu vou tentar quando eu tiver um emprego, que aí fica mais fácil. (Entrevistado 3, 1º período, manhã).

Diante dos depoimentos, verifica-se que as expectativas, destes sujeitos ao terminar o curso é especializar-se na área da educação, dentro ou fora das salas de aulas. Mesmo que o Curso de Pedagogia não tenha sido o curso de sua preferência, como observamos nos relatos a seguir: "quero fazer mestrado, doutorado, tudo na área da educação, apesar de ser difícil pra quem é pobre, mas é um sonho". (Entrevistado 5, 8º período, noite).

> Sabe que assim, eu já tive experiência com criança, mas é assim escolinha de igreja, então é... vou com certeza gostar de trabalhar com crianças, eu posso até trabalhar algum tempo, mas só que meu desejo mesmo é não permanecer na sala de aula, assim gostaria de trabalhar em alguma outra... na escola mas sem ser exatamente nisso, pode ser

> administração, supervisão, direção, na área social. (Entrevistado 9, 1º período, manhã).
>
> Assim, o curso de pedagogia oferece muitas vagas, né? Licença para trabalhar como professora, minha esperança é isso, pelo menos terminar e conseguir um emprego, trabalhar em alguma coisa assim, em alguma escola. (risos). (Entrevistado 1, 9º período, noite).

Como podemos observar nos relatos acima, as condições econômicas compõem, portanto, o quadro de limites que revelam a escolha, por parte dos estudantes, do curso de Pedagogia, observando assim que segundo Romanelli (2011, p.112):

> A escolha do curso resulta do interesse do estudante por determinada área de conhecimento e da profissão a ela associada, da avaliação das profissões e do mercado de trabalho, das condições financeiras para arcar com custos diretos e indiretos da escolarização.

No entanto, observamos que a busca pelo curso superior é relatado como algo a se conseguir independente de ser ou não a profissão desejada, ressaltando-se que esses sujeitos visam melhores condições de vida, as quais são associadas, por eles, a um curso superior, uma vez que este pode lhes proporcionar melhores chances profissionais.

Com isso, observamos que, por mais que esses cinco sujeitos tenham escolhido o curso mediante limitações do contexto, os mesmos têm alguma identificação com o curso, evidenciando o desejo de trabalhar na área e/ou especializar-se na Educação.

### 2.2.2. Escolha do Curso por Identificação

Os sete sujeitos que evidenciaram escolher o curso por identificação justificaram suas escolhas devido ao gosto por crianças, à identificação com a área e por ter gostado da área de educação a partir do curso Normal, Pedagógico ou Magistério, cursos os quais de forma positiva serviram como alicerce para a identificação com a área e o ingresso no Curso de Pedagogia.

O gosto por criança aparece em quase todas as entrevistas, seja por identificação com a área de Educação Infantil ou não. Dentre os sete estudantes que destacaram escolher

o curso por gostar realmente da área, três deles mostraram um grande interesse na profissão do pedagogo como docente e escolher a profissão por ela permitir trabalhar com crianças. Essas escolhas podem ser confirmadas no depoimento abaixo:

> Porque eu me identifico muito com a educação, assim eu gosto também muito de crianças, então o curso de pedagogia é o curso perfeito para mim, então o que me levou a escolher foi isso por eu gostar da área e querer trabalhar com crianças. (Entrevistado 7, 6º período, noite).

Tal depoimento confirma a visão de que o Curso de Pedagogia é muito importante na formação de sujeitos pensantes, dentro e fora das salas de aula, no qual educadores envolvidos na produção e na distribuição do conhecimento desempenham um papel fundamental, tanto na geração de conflitos como na solução dos mesmos (TEDESCO, 1998).

Um dos sujeitos também destacou que a escolha do curso se deu simplesmente pelo desejo de ter um curso superior e a busca por melhores condições de vida. A partir da análise dos cursos com os quais mais se identificava, escolheu o Curso de Pedagogia por gostar de crianças, como ilustra o relato a seguir:

> Primeiramente não houve motivo nenhum, não houve um motivo... assim, eu queria fazer vestibular e entrar em algum curso,em busca de um curso superior e ficar mais fácil conseguir emprego, aí optei por pedagogia, assim, pela pouca leitura que tinha vi que se tratava de trabalho com crianças e tal e eu gosto muito de crianças, então eu optei em colocar o vestibular para pedagogia. (Entrevistado 12, 5º período, noite).

Dessa forma, observamos que o ensino superior é tido como um alicerce em busca de um futuro melhor, através do alcance de um emprego, sendo a educação escolar o melhor caminho. É o que podemos observar nas palavras de Romanelli (2011, p.101) ao afirmar que, "o sistema produtivo cada vez mais passa a exigir um determinado grau de escolaridade, mesmo para as pessoas que desempenham atividades pouco qualificadas". Com isso, a educação torna-se cada vez mais essencial para a vida das pessoas e a busca por um curso superior se impõe como um projeto e um desafiante para as classes menos favorecidas, em busca de uma vida mais digna.

Outro fator destacado também nos depoimentos sobre a escolha do curso é quanto ao leque de áreas de atuação que o Curso de Pedagogia oferece dentro das escolas como: direção, supervisão, docência e fora da sala de aula, a exemplo da Pedagogia Hospitalar e Empresarial, um dos entrevistados relatou em seus depoimentos:

> Porque ele abrange várias áreas, acho que é o que leva a maioria das pessoas daqui a fazer esse curso, porque ele trabalha em várias funções, em várias áreas, tem uma abrangência geral. Eu acho até que a Universidade daqui está ficando parada no tempo, porque várias outras universidades já estão abrangendo para outras áreas e aqui não, mantém a docência ainda como alicerce central do curso e você só se forma aqui para ensinar mesmo e apesar do professor ser a base de tudo ele não é recompensado [...]. (Entrevistado 4, 3° período, manhã).

Através desse relato notamos que a profissão de professor é tida por esse sujeito como uma profissão "menor", na qual não usufruem de uma posição social elevada, ainda que sejam frequentes as declarações sobre a importante missão que lhes incumbe (SACRISTAN, 1995).

Outro tipo de identificação observada deu-se a partir do curso Normal, Pedagógico ou o Magistério, dois dos sujeitos relataram a identificação com a Pedagogia e a educação após cursarem esses cursos: "Bem, eu gosto de pedagogia porque já fiz o Normal, escolhi pedagogia depois de ter cursado o Normal, me encantei pela área, então resolvi fazer pedagogia". (Entrevistado 8, 2° período, noite); "Antes eu já tinha feito o magistério, aí eu queria dar continuidade que eu gostei e gosto da área, eu quis dar continuidade". (Entrevistado 11, 5° período, manhã).

Diante dessas afirmações observamos que os cursos de nível técnico e médio influenciaram a escolha do Curso de Pedagogia, esses sujeitos buscaram o aprofundamento através do curso superior na área.

Com relação aos motivos que fizeram e fazem esses sete sujeitos permanecerem no curso, para muitos são os mesmos que os fizeram escolhê-lo, ou seja, desde o sonho de se formar, ter um curso superior, o gosto pela área da educação e mesmo o gosto por crianças. Para alguns a permanência se deu através da dinâmica do curso e a identificação com o mesmo após o ingresso.

Dessa forma, analisamos que dentre este grupo de estudantes, dois deles relataram a permanência no curso por ser um sonho ter um curso superior, como podemos observar nos depoimentos abaixo:

> [...] é porque assim eu iniciei o curso, aí eu passei a gostar mais, a ter mais vontade de ficar, de permanecer, de realizar meu sonho de me formar, de ter um curso superior. Eu acho que os pedagogos deveriam... deveriam pagar melhor os pedagogos.(Entrevistado 2, 9º período, manhã).

> Porque eu gosto do curso e terminaria com orgulho mesmo, é um orgulho me formar, me identifiquei com as disciplinas, é um pouco difícil porque na teoria... você sabe que na teoria é uma coisa e na prática a gente ver outra, e a gente fica um pouco revoltados com isso porque a gente tenta mudar e não consegue. (Entrevistado 12, 5º período, noite).

Outro aspecto destacado que leva esses sujeitos a permanecerem no curso, refere-se ao gosto pelas disciplinas em geral, dentre elas, a Psicologia, a qual foi colocada por dois sujeitos: "Porque eu gosto, digamos que o que me fez permanecer no curso foi às disciplinas de psicologia, ela mexe com os nossos sentidos, com o estudo dos seres desde criança, como acontece as etapas, é bom!". (Entrevistado 4, 3º período, manhã).

> Só em gostar mesmo e as disciplinas serem boas, apesar das dificuldades em estar aqui ser muitas, assim, não é fácil você sair da sua cidade de 5hs e 15min, chegar de 12hs e 35 min, 12hs e 30min da noite, às vezes ta chovendo, tem que acordar 5hs para trabalhar, morar só, é complicado. (Entrevistado 5, 2º período, noite).

Os entrevistados também justificaram a permanência no curso, assim como sua escolha, pela sua identificação com a área. Três sujeitos destacaram que:

> Quando eu entrei no curso de pedagogia e comecei a cursar aí foi que eu mi identifiquei com ele, passei a gostar mais ainda dessa área e a cada período eu me identifico e gosto cada vez mais do curso, sem falar que vou trabalhar com criança né? Que eu gosto muito. (Entrevistado 7, 6º período, noite).

> O que me faz permanecer no curso é a dinâmica do curso, eh... eu também me identifiquei com o curso por trabalhar com crianças, eh...e por atuar nessa área quando cursei o normal no 3º ano eu já comecei a

> trabalhar na educação infantil e graças a Deus eu estou até hoje trabalhando com crianças. (Entrevistado 8, 6º período, manhã).
>
> Eu gosto do curso, ele é muito interessante, quando eu fiz o magistério me apaixonei, me identifiquei com a área e agora cursando to gostando mais ainda, aí foi que vi que era isso que eu queria, é por isso que ainda to no curso e vou concluir se Deus quiser. (Entrevistado 11, 5º período, manhã).

As expectativas desses sete sujeitos para concluir o curso é trabalhar, especializar-se na área, sendo que uns desejam trabalhar em salas de aula e outros preferem o trabalho em outros ambientes, como observamos nos relatos a seguir:

> Eu quero conseguir um emprego para trabalhar na área e assim poder pagar uma especialização em alguma coisa relacionada à pedagogia, nessa área de educação. Pretendo me especializar na área da educação, buscando sempre um trabalho e uma vida melhor para mim. Pois se eu quiser algo na vida vou ter que trabalhar e estudar muito para isso. (Entrevistado 7, 6º período, noite).
>
> Pretendo continuar investindo, não deixar a formação de lado, continuar investindo na área. Pois o pedagogo já é muito desvalorizado pelos próprios pedagogos, por não investir na sua formação e assim ele fica só na sala de aula e ganha pouco. (Entrevistado 8, 6º período, manhã).

Como observamos nos relatos acima a realização por um futuro melhor é perpassada por dificuldades, tais como condições financeiras. Portanto, apesar da escolha pelo curso ter sido motivada pela identificação com a área, há dificuldades em especializar-se na área devido às condições financeiras.

Um dos sujeitos também relatou que, ao terminar o curso, seu objetivo é especializar- se na área hospitalar alegando que a área de educação para o trabalho em sala de aula enfrenta muitas dificuldades, como, por exemplo, a superlotação em sala e a falta de recursos didáticos. Suas palavras são ilustrativas:

> Ao terminar o curso eu penso em fazer especialização voltada para a área clinica (leia-se: Pedagogia Hospitalar). Eu posso até trabalhar na educação, mas, não como professora, porque é... eu to tendo experiência no estágio e assim eu to achando um pouco complicado, as salas tem aluno demais é uma bagunça, sem falar na falta de material, apesar de ser muito prazeroso. Mas é um pouco complicado você lidar com as dificuldades que encontramos hoje nas escolas públicas principalmente. (Entrevistado 12, 5º período, noite).

Como vemos no relato acima, a função de professor não é fácil, tendo que enfrentar grandes problemas que vão desde a superlotação em sala, a diversidade de alunos, até mesmo a falta de recursos didáticos. Observando assim que com a passagem de um sistema de ensino de elite, como era há algum tempo atrás, para um sistema de ensino de massas, ocorreu um grande aumento de alunos, assim como o aparecimento de novos problemas relativos à qualidade do ensino que exigem uma reflexão profunda.

Através dos depoimentos, deduzimos que, por mais que nos tempos atuais a profissão de professor em geral, assim como a de pedagogo, esteja desvalorizada social e economicamente, de acordo com a pequena amostra, a maioria dos sujeitos que escolheu o Curso de Pedagogia realmente almeja essa profissão de pedagogo/professor.

## 2.3. O Sentido que os Alunos de Pedagogia Atribuem à Profissão do Pedagogo

O Pedagogo ainda hoje não tem sua atuação devidamente reconhecida, em sua finalidade, pois a sociedade contemporânea brasileira, muitas vezes, não sabe qual a finalidade desse profissional, onde ele deve atuar. Lembrando que, assim como os Pedagogos, outros profissionais também sofrem com essa falta de identidade e de áreas de atuação.

Observamos também que a identidade profissional do Pedagogo, deve estar associada a um campo de investigação e à sua atuação dentro da variedade de atividades voltadas para o educativo (docência, supervisão, administração) (LIBÂNEO, 2001). Portanto, a identidade do Pedagogo, em muitos casos, está associada à docência.

Assim, a constituição da identidade está ligada ao processo de socialização, isto é, à formação da pessoa dentro dos parâmetros impostos pela sociedade. Dessa forma, será discutido o sentido que os estudantes do Curso de pedagogia atribuem à profissão do pedagogo e a si, como futuros profissionais da área.

Os sujeitos entrevistados foram submetidos ao seguinte questionamento: "O que é ser pedagogo?" De início, os entrevistados ficaram um pouco pensativos, demoraram a

falar, observando assim que os próprios Pedagogos ou futuros profissionais dessa área não reconhecem a sua profissão.

Dessa forma, dentre os doze entrevistados, nove relataram que ser pedagogo é ser professor, associando a profissão do pedagogo à profissão docente, sendo que três desses sujeitos ainda destacam que, dentro dessa profissão, desempenha-se o papel de pai, mãe ou até mesmo irmãos, como ilustram os relatos a seguir:

> (pausa) há ser pedagogo existe várias respostas (risos). Sei lá, eu acho que ao mesmo tempo ser mãe, ser irmã (risos) não sei nem o que mais. Não, que assim, começa ensinando as crianças aí depois vai se apegando a tudo... é como se tivesse assim um papel de mãe, se apegando. Nunca trabalhei, nunca ensinei, só fiz o estágio, mais é isso! (Entrevistado 2, 9° período, manhã).

> Eita!... essa é difícil! (pausa longa) realmente o pedagogo é tudo, pai, mãe, porque você encontra crianças de família desestruturada crianças que não tem carinho, não tem pai, não tem mãe, então ele busca tudo aquilo naquele professor. A diferença do pedagogo para as outras profissões é que ele que formou esse povo "todim", então ele deveria ser mais valorizado por ele ter formado, pois foi a partir da base que se formaram grandes engenheiros e grandes médicos. (Entrevistado 10, 6° período, noite).

Conforme os relatos acima, a figura do pedagogo é associada a do professor e como alguém da família, o qual dá suporte, carinho e cuidado para as crianças que não têm afeto e atenção em casa, sendo que até mesmo os próprios pedagogos transferem para si funções antes delegadas aos pais, revelando que o sentido atribuído ao papel de pedagogo/professor é o de cuidador e de família. Fato esse destacado por Esteve (1995, p.102) ao relatar que: "os professores têm de assumir tarefas educativas básicas para compensar as carências do meio social de origem dos alunos, o que configura uma importante diversificação das funções docentes".

Diante do exposto, notamos que os alunos destacam a pedagogia apenas como fazer, como prática docente, esquecendo que ela também é uma ciência e que a mesma não é a única área científica que tem a educação como objeto de estudo. Muitas outras como a sociologia, a psicologia, a economia, entre outras, podem ocupar-se de problemas educativos, para além de seus próprios objetos de investigação e os resultados desses estudos são fundamentais para a compreensão do fazer educativo. No entanto, cada uma

dessas ciências aborda o fenômeno educativo sob a perspectiva de seus próprios conceitos e métodos de investigação (LIBÂNEO, 2001).

Desse modo, a Pedagogia é mais uma área que tem a educação como foco e objeto de estudo, mas essa educação não é apenas aquela "atribuída" pela escola e sim a educação de forma global. Partindo dessas considerações, o Curso de Pedagogia na atualidade tem seu sentido ampliado.

Os sujeitos entrevistados destacaram também que para que possam exercer essa profissão precisam ter muita paciência, humildade, doação à profissão para lidar com pessoas, e com os ambientes de trabalho em que vão atuar. Assim como os mesmos tem o papel de conduzir a criança. Dentre eles, quatro dos sujeitos confirmam isto, como observamos nos depoimentos a seguir: "(pausa longa) assim, são educadores, tem o papel de conduzir a criança, não só ensinar, mas dar educação e moral". (Entrevistado 6, 3° período, noite).

> Eu acho assim que (pausa). Não é só assim passar o conhecimento, é também se doar muito, é isso que é o curso, as pessoas tem que deixar de fazer uma coisa em casa, assim, por exemplo no estágio, eu deixava tudo em casa, que minha mãe é doente, tinha que se doar muito para aquelas crianças. [...] Mas voltando ser pedagogo é isso é se doar! E ter muito tempo para planejar as coisas, o professor às vezes não tem, ganha pouco e vive trabalhando em vários locais, dentro e fora da escola para ver se ganha mais. (Entrevistado 1, 9° período, noite).

> (pausa) me enganchei agora... tá aqui mas não sai...(risos) eu acho que é passar tudo o que ele sabe é, não só ensinar mas aprender juntamente com... com o que ele vai fazer, o que ele vai ensinar, que especialidade ele vai seguir, ele é a parte fundamental na educação, é um professor. (Entrevistado 7, 2° período, noite).

> Deixa eu ver... É uma profissão assim que quem escolhe gosta de seres humanos mesmo... que você vai lidar com... pra começo de conversa você vai ter que ter muita paciência com todo tipo de gente, desde a criança até o adulto, com quem você for lidar. Você precisa de muita paciência, humildade para lidar com as pessoas, e pedagogia prepara pra isso. (Entrevistado 11, 5° período, manhã).

Com isso, podemos destacar que as falas dos sujeitos entrevistadas estão associadas ao discurso do senso comum, quando as pessoas relatam que a profissão requer doação, requer que esses profissionais abdiquem de outras atividades para exercerem as atividades propostas pela formação, relatam também que os mesmos precisam ser calmos, pacientes.

Podemos observar também que a profissão de professor em si não é uma profissão menor, o que a torna desvalorizada é o contexto das políticas educacionais brasileiras e o descaso com que é tratada.

Observamos ainda, através dos relatos dos sujeitos, que a profissão docente requer desse profissional muito tempo para o planejamento e realização de atividades extra sala de aula. Dessa forma, como relatou o Entrevistado 1 (9º período, noite) o professor, muitas vezes, não dispõe desse tempo, pois o mesmo, devido a situações precárias de salário, muitas vezes tem que assumir vários turnos na docência ou mesmo em outras atividades fora do âmbito escolar e da sua área de formação. Isto pode gerar a má qualidade do seu trabalho, como destaca Libâneo (2001, p.17):

> É visível que a profissão de pedagogo, como a de professor tem sido abalada por todos os lados: baixos salários, deficiência de formação, desvalorização profissional, implicando baixo status social e profissional, falta de condições de trabalho, falta de profissionalismo, etc.

Dois dos sujeitos entrevistados, que também associam o pedagogo ao professor, destacaram a importância desse profissional trabalhar com ética e respeito às diferenças, sejam étnicas, sociais ou físicas. O depoimento a seguir confirma isso:

> (pausa longa) eu acho que como todo professor é trabalhar todas as diferenças, sem discriminar aluno, é... ter ética na profissão, respeitar o outro, acho que é isso trabalhar com a diversidade. Só isso! (Entrevistado 3, 1º período, manhã).

Essa associação do trabalho do pedagogo à docência pode ser atribuída ao fato dos sujeitos entrevistados estudarem em uma instituição que forma sujeitos para a Licenciatura em Pedagogia. O curso contempla a formação dos profissionais para o exercício da docência, assim como para os campos específicos de atuação do pedagogo.

Vale destacar que somente três dos entrevistados conhecem as atribuições do pedagogo para além da docência, relatando que o mesmo tem a função de auxiliar nas questões educativas, de coordenar e até mesmo de ensino, ou seja, o mesmo, muitas vezes, tem nas universidades a docência como a sua principal área de atuação. Como é o caso da Universidade Federal de Campina Grande, Campus IV- Cajazeiras, que habilita o profissional para a docência nas séries iniciais, apesar de também dar o direito ao trabalho

em outras áreas como já foi destacado em capítulos anteriores, seja dentro ou fora do âmbito escolar.

Dois dos entrevistados, que reconhecem o pedagogo como tal, relataram a grande importância desse profissional enquanto pesquisador e gestor em ambientes formais e não formais, como podemos observar nos relatos a seguir:

> (pausa) vixe, assim o pedagogo é uma pessoa que busca no ser humano algo a mais que os demais, busca ver os pontos diferentes, contribuindo e desenvolvendo pesquisas para ajudar a essas pessoas, seja na escola como professor, como diretor ou em outros locais como: empresas, hospitais. Ele busca ajudar, auxiliar na metodologia e assim contribuir com a educação. (Entrevistado 4, 3° período, manhã).

> É... Eu acho que ser pedagogo é ser alguém muito preparado, seja em escolas ou em outras áreas, desde que tenha capacidade e invista em sua educação. Então ser pedagogo é isso, alguém muito preparado, pois o curso prepara desde que tenha disposição para investir. Ser pedagogo é atuar tanto como professor, gestor e até mesmo em outras áreas fora da escola, desde que seja bem preparado, tenha disposição. (Entrevistado 8, 6° período, manhã).

O pedagogo, conforme explicitado nos depoimentos, investiga a realidade educacional que está sempre em constante transformação, para contribuir através de intervenção metodológica, ou seja, como ilustra Libâneo (2001, p.25):

> O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

O outro sujeito entrevistado também demonstrou ter um conhecimento mais amplo do que é ser pedagogo, destacou que ser pedagogo é um profissional que pode auxiliar nas questões educacionais de uma determinada instituição, como podemos observar no seu depoimento a seguir:

> É ... assim... deixa eu ver... é aquela pessoa que está ali para auxiliar na questão educacional da escola ou de vários outros locais, né? O pedagogo hoje em dia ele tem inúmeras áreas de atuação, não só na sala de aula mas pode atuar numa área jurídica, numa área empresarial, num hospital, enfim... então ele é como um auxiliar na questão educacional de toda uma

> instituição em si, ele dá suporte em vários aspectos como estudamos no curso, ele estuda a prática educativa em si e a partir dela busca transformações. (Entrevistado 12, 5° período, noite).

Diante desses fatos, apesar da pequena amostra, verificamos que muitos dos estudantes do Curso de Pedagogia não reconhecem a sua profissão de pedagogo, assim como também as suas áreas de atuação.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar junto a estudantes de Pedagogia os motivos para o acesso e permanência no curso e o sentido que eles atribuem à profissão do pedagogo. Além disso, foi feito um levantamento do perfil socioeconômico junto à uma amostra de doze estudantes, tendo em vista compreender a influência desse perfil na escolha do Curso de Pedagogia.

Através desse levantamento, evidenciou-se que os sujeitos consideram-se de classe baixa com renda familiar de, no máximo, três salários mínimos. Eles são filhos de pais agricultores ou de profissionais que exercem atividades que não geram uma renda fixa como cozinheiro, vendedor ambulante, entre outras.

Quanto à influência do perfil socioeconômico na escolha do curso, cinco estudantes declararam que a escolha do curso se deu por ser um curso menos concorrido no "vestibular" e menos dispendioso, por está localizado em sua cidade ou cidade vizinha e por ser um curso que tem mais perspectivas de emprego. Outro fator de influência é a vivência e convivência desses sujeitos com professores.

Outro aspecto abordado nesta pesquisa foi os motivos que justificaram a escolha e a permanência nessa profissão de Pedagogo, sendo que a resposta predominante foi a identificação com a área. As razões apontadas nos depoimentos dos estudantes para a permanência no curso são variadas. Dentre elas está o fato de estarem concluindo-o, por sua semelhança com o curso almejado, a identificação com as disciplinas e até mesmo por ser considerado menos caro.

A pesquisa buscou, ainda, compreender o sentido que os alunos de Pedagogia atribuem à profissão de Pedagogo e a si como futuros Pedagogos. Diante dessa situação, observamos que a maioria dos entrevistados não conhece a abrangência da formação do pedagogo. Eles associam, quase exclusivamente, a profissão à docência, na qual, muitas vezes, o professor tem que assumir responsabilidades de um membro da família.

Com isso, observamos a necessidade do Curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras, investir numa melhor compreensão dos estudantes quanto à abrangência das áreas de atuação do pedagogo.

O presente estudo evidenciou também a necessidade de que os gestores, sejam eles de escolas particulares ou públicas, tenham uma formação específica na área da Pedagogia. Isto porque, atualmente, os cargos de direção, supervisão, administração escolar, entre outros, são ocupados, muitas vezes, por profissionais que não têm formação adequada.

Vale destacar que o Curso de Pedagogia ganhou com o aumento do seu leque de possibilidades de atuação que vai desde a docência para as Séries Iniciais da Educação Infantil, Administração Escolar, Supervisão Escolar até mesmo a Pedagogia Hospitalar e Empresarial. Formando assim pedagogos para contribuírem na realização das transformações necessárias para a construção de uma sociedade mais justa.

Com essas considerações, o presente estudo destacou aspectos históricos do curso de Pedagogia no Brasil e na cidade de Cajazeiras; suas inúmeras reformas na busca por uma formação que se adeque às demandas sociais; e que o Pedagogo é um profissional capaz de atuar em diversos âmbitos educativos e não apenas nas séries iniciais do ensino fundamental.

Assim, reitero a necessidade de que o Pedagogo e os docentes em geral tenham sua profissão devidamente reconhecida, não só pela comunidade escolar e sociedade em geral, mas igualmente pelos próprios pedagogos, pois estes muitas vezes, contribuem para a desvalorização desta profissão.

# REFERÊNCIAS


ANDRADE, Maria Antonia A. de. **Cultura política, identidade e representações sociais.** Recife: FJN: Massangana, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARROS, Aidil de Jesus Paes de. LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa:** propostas metodológicas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Ministério da Educação. 1996.

BRASIL. **Diretrizes curriculares para o curso de pedagogia**. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: http://www.portalensinando.com.br/ensinando/principal/conteudo.asp?id=7449 em 17/09/2011.

Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Classe_social. Acesso em: 22/02/2013.

ESTEVE, José M. Mudanças Sociais e Função Docente. In: NÓVOA, António. **Profissão professor**. Trad.: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luiza Santos Gil. Portugal: Porto, 1995.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves; CAROLINO, Zaíra de Aquino; SILVA, Marta Soraya Sousa. **Contemporaneidade, demandas educacionais e formação de professores:** mapeando compassos e descompassos. Cajazeiras- PB, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia a autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7ª ed., São Paulo: Paz e Terra,Coleção Leitura, 2002.

GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizontes: Autêntica, 2003.

GONÇALVES, José Alberto M. A Carreira das professoras do Ensino Primeiro. In: Nóvoa, Antônio. **Vidas de professores**. Portugal, Porto Editora, 1995.

GOIS, Antônio. **Políticos escolhem 60% dos diretores de escolas**. In: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais do Ministério da Educação – INEP. Folha de São Paulo, 18 de setembro de 2005. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1809200511.htm. Acesso em: 19/03/2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE: Indica que Analfabetismo Cai Menos entre Maiores de 15 Anos**. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/ibge-indica-que-analfabetismo-cai-menos-entre-maiores-de-15-anos.html>. Acesso em: 16/11/2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Que Destino os Educadores Darão a Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (coord); MAZZOTTI, Tarso Bonilha; NÓVOA, Antonio. **Pedagogia ciência da educação?.** 2. ed. São Paulo: Cortez 2001.

_____. Ainda as perguntas: o que é pedagogia, quem é o pedagogo, o que deve ser o curso de pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido. (org). **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. A Identidade Profissional dos Professores e o Desenvolvimento de Competências. In: **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: 5ª ed. Revista ampliada, 2008.

_____e PIMENTA, Selma Garrido. Formação dos Profissionais da Educação: visão critica e perspectiva de mudança. . In: PIMENTA, Selma Garrido. (org). **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

MURIBECA, Maria Lucia Maia. **A Pedagogia o pedagogo e a prática escolar**. 2. ed. João Pessoa: autor associado/ UFPB, 2002. 136p.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **O ofício, a oficina e a profissão:** reflexões sobre o lugar social do professor. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 249 – 259, maio/ ago. 2005. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br.

NÓVOA, António. Dilemas da Profissão Docente. In: **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa EDUCA, 2002. (pag. 21 a 29).

_____. O Passado e o Presente dos Professores. In: NÓVOA, António. (org.). **Profissão professor.** Trad.: Irene Lima Mendes, Regina Correia, Luiza Santos Gil. 2. ed. Portugal: Porto, 1995.

_____; HUBERMAN, Michael; GOODSON, Ivor F. et all. **A Carreira das professoras do ensino primário**. Porto: Editora. 2. ed. Nov/2000.

PIMENTA, Selma Garrido. (org). **Pedagogia e pedagogos:** caminhos e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia e pedagogos escolares**. 2006,184f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. Tradução de José Severo de C. Pereira. 5ª ed. rev., São Paulo: Cortez, 1985.

PORTES, Écio Antônio. O Trabalho Escolar das Famílias Populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. (orgs.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

**Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia.** Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras-PB: UFCG/CFP, 2009.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil.** 14ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SACRISTAN, J. Gimeno. Consciência e Acção Sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores. In: NÓVOA, Antonio. (org.). **Profissão professor.** 2. ed. Portugal: Porto, 1995.

SANTOS, Elzanir. Identidade Profissional Docente: **Os ditos e os feitos.** Fortaleza/CE: UFC, 2001, 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A "Nova" Direita e as Transformações na Pedagogia da Política e na Política da Pedagogia. In: GENTILI, Pablo A. A. & SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação:** visões críticas. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

TEDESCO, Juan Carlos. **O Novo pacto educativo:** educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. Tradução de Otacílio Nunes. São Paulo: Ática, 1998.

TEIXERA, Ana Maria Freitas. Jovens universitários de origem popular: Caminhos entre o acesso e a permanência na universidade pública. In: CHARLOT, Bernard. (org.). **Juventude popular e universidade:** acesso e permanência. São Cristóvão: Editora UFS, 2011.

# APÊNDICE

## ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS DE PESQUISA MONOGRÁFICA

1. Qual o período do Curso?
2. Idade?
3. Estado civil?
4. Cidade onde você mora?
5. Tem residência própria?
6. Profissão dos pais?
7. Quais as pessoas que moram com você?
8. Você trabalha? Se sim em quais atividades?
9. Qual a renda familiar?

- Quais os motivos que o levou a escolher o curso de Pedagogia?
- Quais os motivos fizeram ou fazem você permanecer no curso?
- Se você tivesse a oportunidade de escolher outro curso você escolheria? Qual e por quê?
- Quais as suas expectativas ao terminar o curso? Trabalhar ou não trabalhar como professor (a)?
- O que é ser Pedagogo para você?